

Beatriz Colomina e Manfredo Tafuri: “na vida, tudo é por acaso?”

Beatriz Colomina and Manfredo Tafuri: “in life, everything is by chance?”

Rafaela Raffaele\*

\* Universidade de São Paulo, Brasil, rafaelaraffaele@hotmail.com

usjt  
arq.urb

número 40 | abr - dez de 2025

Recebido: 13/07/2024

Aceito: 26/09/2025

DOI: [10.37916/arq.urb.vi40.748](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi40.748)



Palavras-chave:

Historiografias.  
Críticas.  
Biografias.

Keywords:

Historiographies.  
Critics.  
Biographies.

Resumo

As transformações nos contextos político, econômico e social, impulsionadas pela globalização, pela revolução feminina, pelos regimes totalitários e pela valorização da história entre os anos sessenta e oitenta, contribuíram para um desejo de revisão disciplinar na arquitetura. Envolvidos por estes novos campos e temáticas, surge um novo ponto de vista expandido liderado pelo gênero feminino, onde encontra-se a figura de Beatriz Colomina. O artigo surge do interesse em explorar o entendimento dos possíveis pontos de partida historiográficos de Tafuri em Colomina e identificar algumas possíveis aproximações entre os autores. Até que ponto tudo na vida de Colomina, como dito por ela em entrevista a José Juan Barba, seria realmente ao acaso? Para investigar este diálogo, foram revisitados escritos de Tafuri e sobre o arquiteto italiano datados entre 1971, quando é publicado *Teorias e História da Arquitetura*, traduzido para espanhol, e a década de oitenta, quando a autora espanhola se desloca para Nova Iorque para seus estudos. A abordagem do texto busca uma liberdade narrativa que trabalha algumas críticas operativas onde os autores atuaram, contribuindo com a possibilidade do estudo alimentar novas pesquisas e interpretações das fontes passadas.

Abstract

The transformations in political, economic, and social contexts, driven by globalization, the feminist revolution, totalitarian regimes, and the valorization of history between the sixties and eighties, contributed to a desire for disciplinary revision in architecture. Immersed in these new fields and themes, a new expanded viewpoint led by the female gender emerges, where we find the figure of Beatriz Colomina. The article arises from an interest in exploring the understanding of possible historiographical starting points of Tafuri in Colomina and identifying some historiographical triggers between the authors. To what extent everything in Colomina's life, as she said in an interview with José Juan Barba, would really be random? To investigate this dialogue, writings of Tafuri and about the Italian architect from 1971, when "Theories and History of Architecture" was published and translated into Spanish, to the 1980s, when the Spanish author moved to New York for her studies, were revisited. The text's approach seeks a narrative freedom that addresses some operative criticisms where the authors acted, contributing to the possibility that the study nourishes new research and interpretations of past sources.

## Introdução

O ato crítico consistirá na recomposição de fragmentos uma vez historicizados: em sua remontagem (TAFURI, 1984, p.15)

Capítulo 1. Vejo-me envolvida nas leituras de alguns dos escritos realizados pela segunda e terceira geração de historiadores de arquitetura, representados por Bruno Zevi, Alan Colquhoun, Kenneth Frampton, Sérgio Ferro, Anthony Vidler e Manfredo Tafuri. Neles, pôde ser demonstrado um desejo de reavaliação de seus objetos de estudo, do papel do arquiteto na sociedade e das fronteiras da disciplina desde outros campos, até então alheios à arquitetura. Entre as décadas de setenta e oitenta, a sociedade, as artes, o meio ambiente, a economia, a política, a filosofia, a psicologia, as cidades, a história, entre outras tantas, se tornam instrumentos da arquitetura. Embora se abram a outros meios o campo de debate, eles, os autores, não poriam em xeque sua condição de autor, se posicionando como historiadores de arquitetura que assumem uma postura crítica diante da legitimidade do movimento moderno. Ao mesmo tempo em que se expandem as temáticas e os transla-dos entre as instituições americanas, europeias e sul-americanas, se afinam os sujeitos, se definem os caracteres. Cada um deles, a seu modo, constrói seu tom crítico, sua trajetória e define seu próprio público alvo.

Capítulo 2. A partir dos anos oitenta, outro gênero e outras nacionalidades de historiadores contribuem à discussão sobre o papel da arquitetura, inaugurado anos antes. Marina Waisman, Gwendolyn Wright, Dolores Rayden, Nancy Stieber, Dana Arnold, Alice Friedman e Beatriz Colomina, provenientes da Argentina, Estados Unidos, Inglaterra e Espanha, introduzem em seus escritos uma nova perspectiva de observação, atuação, operação e expansão da crítica na disciplina. Sob a forma de ensaios e publicações voltados a pontuar questões mais específicas, essas historiadoras anunciam a necessidade de reavaliação dos aspectos inexplorados até então, como suas presenças nos escritos sobre arquitetura.

Utilizando-se de outras ferramentas como a perspectiva do gênero, as ciências sociais, a antropologia, a biologia, a publicidade e o colonialismo, elas ampliam os

horizontes da disciplina, revelando fissuras anteriormente negligenciadas. Temáticas como a casa, o costumeiro, a cozinha, as relações humanas, os padrões de consumo e os espaços habitados são reposicionados, colocando o foco não apenas no sujeito, mas também no objeto de estudo.

Seria casual o fato desta nova geração de historiadoras emergir e se destacar, particularmente, na Argentina, Estados Unidos e Inglaterra, a partir dos anos oitenta? Poderia isso advir do deslocamento de historiadores europeus das primeiras, segundas e terceiras gerações, tais como Walter Gropius, Sigfried Giedion, Bruno Zevi, Alan Colquhoun, Kenneth Frampton, Sérgio Ferro, Anthony Vidler e Manfredo Tafuri, que foram convidados pelas instituições acadêmicas desses países?

As respostas, talvez por instinto subconsciente ou por forma casual, partem da possibilidade de diálogo entre Beatriz Colomina e Manfredo Tafuri, sob três perspectivas principais: a metodologia, os rebatimentos de Benjamin nos autores e as interpretações sobre Le Corbusier. A suspeita, inesperadamente, desperta interesse de aprofundamento que vai além de uma simples resposta, particularmente por duas interlocuções documentadas entre Colomina e Tafuri, a saber:

*05 de fevereiro de 2017, Istambul, Turquia.*

Em entrevista a José Juan Barba, diretor da revista eletrônica *Metalocus*<sup>1</sup> por razão da Terceira Bienal de Design de Istambul, cuja curadoria foi de Beatriz Colomina e Mark Wigley, a autora traça parte de sua biografia e declara ter sido “ao acaso” seu cruzamento com Manfredo Tafuri:

Colomina: “Quando cheguei em Barcelona senti uma tremenda sensação de liberação. A universidade tinha uma história longa e era muito mais complexa, especialmente dado o clima político da época. Desde o início me senti atraída pelo Departamento de História e Teoria do Urbanismo...onde todas as controvérsias daquele período estavam sendo moldadas. Havia Quetglas, havia Ignasi de Solà – Morales... havia esse grupo verdadeiramente fantástico de professores que abriram meus olhos para um mundo completamente diferente do que eu havia experimentado em Valencia”.  
(...)

<sup>1</sup>A revista espanhola sediada em Madrid, *Metalocus*, editada desde 1998, se autodenomina como *Revista Internacional de Arquitectura, Arte e Ciência*, é dirigida por José Juan Barba e coordenada por Inés Laueta e Pedro Navarro. Sobre a revista ver: <https://www.metalocus.es/es>.

“Então comecei a trabalhar nos departamentos de Urbanismo e História e Teoria, na verdade traduzindo Tafuri com um amigo que compreendia perfeitamente o italiano. Nós começamos traduzindo dois textos para o departamento, e antes de me formar eu já estava trabalhando. O departamento de urbanismo me contratou no mesmo ano em que me graduei”.

(...)

“Quando eu estava estudando, não via as coisas dessa forma. Quando estudei em Barcelona, eu estava apenas interessada na Itália. Eu estava muito próxima de Tafuri e de toda a teoria. Enquanto o grupo do qual eu fazia parte, o *Carrer de la Ciutat*, que surgiu logo após a morte de Franco, eu estava apenas olhando para a Itália. Um pouco para a França, mas especialmente para Tafuri...”

(...)

Barba: “E como você chegou a tudo isso?”

Colomina: “Completamente por acaso, como sempre. Na vida, tudo é pura coincidência<sup>2</sup>”.

A declaração de Colomina a Barba de que “na vida, tudo é por acaso” suscitou várias indagações. Até que ponto todos esses acasos contribuíram, de forma significativa, para sua formação como historiadora? Seriam essas coincidências meramente fortuitas? As traduções de Tafuri, segundo ela, foram seu primeiro trabalho. Colomina, assim como Tafuri, parecem desenhar suas próprias palavras. Identificasse, entre os autores, vestígios para além de paralelismos superficiais. O acaso aqui assume uma importância tão relevante que justifica o título deste escrito. Os rebatimentos de Tafuri em Colomina podem ser reais como poderá ser explorado adiante. Como eles se desdobram em alguns de seus escritos?

<sup>2</sup>Livre tradução feita pela autora.

<sup>3</sup>O periódico foi publicado, trimestralmente, pelo *Colegio Oficial de Arquitectos de Cataluña y Baleares* (COAC) entre os anos de 1944 e 1970. Entre 1971 e 1980 é renomeado para *Cuadernos de arquitectura y urbanismo*. Até então disseminado em espanhol ele passa, a partir de 1981, a ser produzido em catalão, o que transformaria seu título para *Quaderns d'arquitectura i urbanisme* até os dias de hoje. Sobre a revista ver: <https://www.raco.cat/index.php/CuadernosArquitectura/issue/archive>.

<sup>4</sup>*Oppositions* foi editada e desenvolvida pelos integrantes do IAUS (*Institute for Architecture and Urban Studies*), sob liderança, principalmente, de Peter Eisenman, entre os anos de 1973-1984. Além de Eisenman, fazem parte de seu corpo editorial: Kenneth Frampton, Mario Gandelsonas, Anthony Vidler, Kurt Foster e Diana Agrest. Como fonte, contribui para a divulgação, nos Estados Unidos, de um debate europeu publicado, sobretudo, nas revistas *Casabella*, *Lotus* e *Arquitecturas*

26 de novembro de 1971, Barcelona, Espanha

Manfredo Tafuri visita Barcelona pela primeira vez, a convite de Ignasi de Solà Morales, e ministra uma conferência no Colégio de Arquitetos da Catalunha (COAC) intitulada *La funzione attuale dell'architetto*. Um ano depois desse evento, em 1972, seu livro *Teorías e Historia de la Arquitectura* é traduzido para espanhol pela editora Laia, sediada em Barcelona. No mesmo ano, a editora Gustavo Gili publica a tradução da publicação *Crítica Radical a la Arquitectura*. As duas traduções publicadas anunciam o que se encontrava em pauta na arquitetura espanhola de então, às voltas com um interesse na arquitetura italiana, sobretudo em Tafuri.

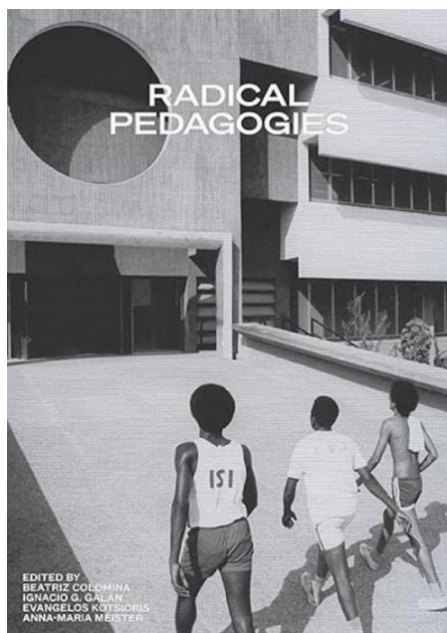
Em 1973, os professores responsáveis pela disciplina de Seminários de Urbanística III, da *Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona* (ETSAB) - Josep Quetglas, Manuel de Torres e Jaume Llobet - publicam o texto *Tafuri básico em 100 palabras*, na revista *Cuadernos de Arquitectura*<sup>3</sup>. Coincidentemente, no mesmo ano, nos Estados Unidos, é lançada a revista *Oppositions – A Journal for Ideas and Criticism in Architecture*<sup>4</sup>.

Nos anos dedicados à academia espanhola e aos escritos de Tafuri, publicados em formato de livros ou artigos, Beatriz Colomina, embora originária de Valencia, transferiu-se para a *Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona* (ETSAB), onde colaborava no departamento de *Urbanística*. Assim que se gradua, lhes contratam como professora em 1975. Em 1977, foi fundado o periódico *Carrer de la Ciutat*<sup>5</sup>, dirigido por Colomina, dedicado “à crítica radical de arquitetura, fortemente influenciada por Tafuri, e autoconsiderada antagonista da publicação *Arquitecturas*

*Bis*, que fará possível uma melhor construção de uma base crítica americana. É interessante ressaltar que Colomina desembarca nos Estados Unidos em 1982, dois anos antes da publicação se encerrar, portanto, participa ativamente da discussão que se fomentava. Tafuri, que já escrevia frequentemente para as revistas *Casabella* e *Lotus*, contribui também frequentemente no periódico americano.

<sup>5</sup>*Carrer de la ciutat* foi uma revista espanhola, produzida entre 1977 e 1980 e dirigida por Beatriz Colomina. Apresenta como corpo editorial/colaboradores a própria Colomina, Xavier Blanquer, Luis Burillo, Beatriz Colomina, Enric Granell, Juan José Lahuerta (n.9-12) José Manuel Pérez Latorre, Helio Piñón, Santiago Planas (n.9-12) Francesco Prosperetti, José Quetglas, Josep Maria Rovira (n.9-12) e Txatxo Sabater. Sobre a revista ver: <https://upcommons.upc.edu/handle/2099/199>. No link, estão disponíveis os textos publicados pelos autores.

Bis”<sup>6</sup>. Segundo Josep Rovira, na plataforma *Radical Pedagogies*<sup>7</sup> (ver figura 1) o periódico estava alinhado com o que era publicado na revista norte-americana.



**Figura** Erro! Nenhuma sequência foi especificada.. Publicação *Radical Pedagogies*. Disponível em: <https://mitpress.mit.edu/9780262543385/radical-pedagogies/>. Acesso em: 13 jul 2024.

Já envolvida com seus escritos ao longo de sua graduação, possivelmente, ela, a autora, também estava presente na conferência de Tafuri, realizada em 1971. O periódico *Carrer de la Ciutat* perdura até o ano de 1980, quando Colomina se muda para Nova Iorque. Sua preferência pela escrita e teoria, como mencionado por Colomina (1996), pode ter sido decisiva para sua estadia contínua neste novo território, onde esse campo, na ocasião, encontrava-se em plena ascensão, ao contrário do que ela percebia na Europa naquela época:

“No final daquele ano, estava claro para mim que eu deveria ficar, enquanto meu colega de escola em Barcelona, Enric Miralles, que havia chegado a Nova York na mesma época, com a mesma bolsa, não tinha dúvidas de que ele precisava voltar. (...) É difícil para um arquiteto construir neste país, e Enric, que sempre se interessou por história e costumava andar pelo grupo Carrer de la Ciutat, realmente queria construir. Eu não. Eu queria escrever. E, como disse na discussão, os Estados Unidos já pareciam um lugar melhor para isso, uma vez que é realmente tão difícil fazer um bom livro na Europa quanto um bom livro nos Estados Unidos. (...) Eu vi a porta da teoria se fechando. Eu fiquei em Nova York. Ainda havia algum apoio na universidade. A escola de arquitetura de Barcelona manteve minha posição de professora em tempo integral por mais quatro anos (enquanto eu me despedia) antes de dar o ultimato. Era 1984. A imagem que eu tinha visto vagamente se formando alguns anos antes estava agora clara. Eu não voltei” (COLOMINA, 1996, p.109)<sup>8</sup>

Nada parece ser ao acaso. Além desses dois encontros, diretos ou indiretos, Josep Maria Montaner, em *Arquitetura e Crítica*, constata esta possibilidade de aproximação entre os autores. Ao dedicar-se ao arquiteto italiano, Montaner destaca Tafuri como “um dos autores de maior influência nos anos setenta e oitenta”. Não é surpreendente que Colomina seja mencionada posteriormente na mesma obra escrita como uma das autoras que deram continuidade aos pensamentos de Tafuri, juntamente com Josep Quetglas, Micha Bandini, Michael Hays e Jorge F. Liernur (MONTANER, 2015, p.115).

Com base nas indicações de Montaner, a análise das aproximações entre suas obras será desenvolvida, inicialmente, explorando a perspectiva da Escola de Frankfurt e de seus possíveis desdobramentos, com destaque para figuras como Walter Benjamin e Le Corbusier, nos textos de Colomina e Tafuri.

O presente artigo emerge então conforme anunciado pelo seu título e por seus principais interlocutores, de modo biográfico. Ele parte da dúvida inicial sobre as coincidências e busca possíveis formulações de respostas que se fundamentem nas biografias e escritos de seus protagonistas.

<sup>6</sup>Sobre o texto ver: <https://radical-pedagogies.com/search-cases/e04-escuela-arquitectura-barcelona-etsab-colegio-arquitectos-cataluna-coac/>.

<sup>7</sup>*Radical Pedagogies* é um projeto de pesquisa colaborativo da Universidade de Princeton, liderado por Beatriz Colomina e desenvolvido alunos e pesquisadores da mesma instituição cuja proposta é uma exploração de experimentos pedagógicos realizados desde o período de pós-guerra, nas

instituições de ensino de arquitetura internacionais, marcados por um contexto político latente. Conta com uma gama de estudos, entrevistas e exposições que conduzem o campo disciplinar a novos meios pedagógicos, mais participativos no ensino. Sobre o projeto ver: <https://radical-pedagogies.com>.

<sup>8</sup>Livre tradução feita pela autora.

## Sobre aproximações Benjaminianas e Corbusianas

Os escritos de Walter Benjamin, publicados pela editora Hannah Arendt em 1968 sob o título *Illuminations*, surgem como um provável ponto de partida nas fontes de pesquisa que posteriormente influenciaram os textos de Colomina e Tafuri. Ambos declararam ser leitores de Walter Benjamin, e a partir dessa influência elaboraram alguns dos artigos que compõem o presente trabalho, como documentado na publicação de Michael Hays (2002), *Architecture Theory Since 1968*. A importância desses escritos é evidenciada pelo fato desses ensaios serem, posteriormente, revisados e expandidos em suas respectivas publicações em livro: *Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media* (1994), de Colomina, e *Progetto e Utopia* (1973), traduzido para o inglês em 1976, de Tafuri.

Em 1969, Tafuri redige o artigo *Toward a Critique of Architectural Ideology*<sup>9</sup> para a revista italiana *Contropiano*. Neste texto, além de sua preocupação com questões marxistas, o que o distanciaria de Colomina, Tafuri explora a possibilidade de instrumentalizar o comportamento de massas na sociedade através de um diálogo benjaminiano entre Engel e Baudelaire. Ele argumenta que Walter Benjamin, ao transitar entre esses dois autores, estava discutindo a descrição das massas, associada a Engel e a experiência das massas, associada a Baudelaire (TAFURI, 1968, p.16).

Em seu artigo, Tafuri discute a preocupação com o comportamento das massas como uma unidade produtiva de consumo e distribuição política e social. Ele compara essa questão a três correntes de pensamento que contribuíram com a disseminação dessas ideias: o Stijl e a Bauhaus, que representam a ordem; e o Dadaísmo, que representa o anarquismo. Nestes dois grupos, Tafuri separa em duas possibilidades reativas ao que ele denomina de caos: a discrepância e a concordância com ele, e destaca que:

“O caos e a ordem foram sancionados pelas vanguardas históricas como os valores, no sentido do próprio termo, da nova cidade da capital(...) O caos, é claro, é um dado, e a ordem é um objetivo” (TAFURI, 1968, p.20)<sup>10</sup>

Nesta profusão de ideias exploradas pelas vanguardas europeias, Benjamin, no texto de Tafuri, se torna instrumento metodológico que perpassa todas estas inquietações do autor italiano, constrói um pensamento representado em palavras de modo argumentativo iniciado em tom afirmativo, mas, ao longo do desenvolver textual, se autoquestiona e leva o leitor a desconstruir suas próprias convicções.

Ao adentrar na questão metodológica de Tafuri, nesta flexibilidade, ao mesmo tempo operativa e negacionista utilizada pelo autor italiano no desenvolver de seus escritos, identifica-se uma construção narrativa com um ponto de vista crítico e um tom político eloquente, em defesa da necessidade de construção da resposta, pelo leitor. Tafuri, em seus textos, se pergunta, a todo momento, sobre suas certezas e nossas certezas. As transforma novamente em dúvidas, em respostas em aberto. Ao construir este novo olhar sobre temáticas aparentemente banais, o autor anuncia novos modos de entender o que antes parecia esgotado em esclarecimento. Como exemplo, atribui à crise econômica de 1929 como fator decisivo para a derrocada da arquitetura moderna, antes entendida como fruto de movimentos políticos ditatoriais, mais especificamente, italianos e russos. Tafuri argumenta que essa crise econômica contribuiu para a “reorganização internacional do capital e o estabelecimento de sistemas de planejamento anticíclico” (TAFURI, 1968, p.28). Assim, ele não apenas reconhece a crise econômica, mas também seus impactos dela na sociedade de massa, sugerindo a necessidade de se repensar os modos de habitação, tanto urbana quanto arquitetônica. Tafuri questiona o que antes estava consolidado pelo sistema, a arquitetura moderna.

A visão paradoxal de Tafuri, conforme explicada por Ignasi de Solà-Morales (2000)<sup>11</sup>, requer a compreensão de seu sistema de prioridades. O fim conduzido em si mesmo não se coloca como questão, ainda segundo o autor e, em sua narrativa, suspende qualquer tentativa de síntese de sua obra. Este método textual apoiado nos opostos também foi destacado no artigo de Mark Wigley (2000), na mesma edição do periódico anterior. Nele o autor ainda destaca Tafuri como sendo o personagem que, “mais do que ninguém”, “organizou sua pesquisa em torno da

<sup>10</sup>Livre tradução feita pela autora.

<sup>11</sup>Sobre o texto ver: SOLÀ MORALES, Ignasi de. Beyond the Radical Critique: Manfredo Tafuri and Contemporary Architecture. **ANY**, Architecture New York, n.25/26, p.56-60, 2000.

contradição.”

Jean Louis Cohen (2000), em seu artigo intitulado “*Experimental Architecture and Radical History*”, publicado pela revista norte-americana *ANY*, sublinha a preocupação de Manfredo Tafuri em compreender as vanguardas à luz de Benjamin. Cohen (2000) afirma que Tafuri foi “certamente, o primeiro historiador a se basear nos conceitos e na visão histórica do intelectual alemão no campo da arquitetura<sup>12</sup>”. Ele justifica essa postura inovadora de Tafuri devido ao cenário italiano dos anos setenta, distinto dos ambientes americano e francês, onde Benjamin era amplamente discutido, traduzido e debatido.

Os paralelismos entre Benjamin e Tafuri podem ser vistos inclusive em seus manifestos sobre a estética e a experiência ligadas à arte e à modernidade. A preocupação relacionada com essas temáticas foi discutida na introdução do livro *Walter Benjamin and the Architecture of Modernity*, de Andrew Benjamin e Charles Rice. Nela, os autores elucidam como Benjamin explorou cruzamento entre elas para entender a modernidade. Benjamin, segundo eles, tinha uma predileção particular à análise do moderno (BENJAMIN, B; RICE, C., 2004, p.4).

Tafuri, por sua vez, utiliza essas ideias de Benjamin em seus ensaios sobre o dadaísmo e em outras abordagens interdisciplinares. Ele parte de um ponto específico para ampliá-lo e contextualizá-lo, criando caminhos imprevisíveis de inflexão e reflexão. Benjamin, para Tafuri, não é apenas uma referência filosófica, mas também metodológica, influenciando sua maneira de organizar seus argumentos e abrir novas perspectivas de entendimento.

Hilde Heynen (2000, p.118) descreve Benjamin como um autor progressista que manipula sua relação entre a obra, o leitor e o editor de modos diferenciados, tornando seus papéis “intercambiáveis”. Essa abordagem de Benjamin, segundo ela, é metodologicamente similar à de Tafuri e seus colegas da Escola de Veneza. Embora o vínculo de Colomina com Tafuri não tenha sido apontado por Heynen, ela

sinaliza similitudes metodológicas entre os autores na estrutura da publicação<sup>13</sup>.

Apesar de não haver menção direta de um tangenciamento entre Colomina e Tafuri pelo ponto de vista de Heynen, pode-se apreender que eles compartilhavam vestígios comuns, desenvolvidos posteriormente de maneiras distintas.

O cenário italiano, estudado por Beatriz Colomina na *Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona* (ETSAB), estava estabelecido. Assim como visto que Tafuri foi influenciado por Benjamin, poderia também Colomina ter sido influenciada por Benjamin através de Tafuri?

Michael Hays, ao introduzir o ensaio de Josep Quetglas sobre o pavilhão de Barcelona<sup>14</sup>, menciona uma fotografia e uma tradução<sup>15</sup> de Benjamin na edição inaugural da revista *Carrer de La Ciutat*, publicada em Barcelona cujos editores incluíam: Beatriz Colomina, Hélio Piñon, Juan José Lahuerta, Josep Maria Rovira, entre outros. Lançada em 1977, a revista perdurou por doze edições até 1980, quando Colomina se deslocou para Nova Iorque. Sob o contexto de transição política de um regime totalitário para democrático, eles declararam, por escrito, um “fetiche” por Benjamin e uma preferência por novas formas de interpretar a arquitetura, desde o urbanismo, o teatro e a literatura. Estes novos modos, muitos dos quais, influenciados por Manfredo Tafuri (HAYS, 2002, p. 382).

A predileção de Tafuri por determinados arquitetos em estudos monográficos específicos, como Corbusier, Borromini, e Piranesi, se justifica, segundo Cohen (2000), por uma tendência e fascínio de Tafuri em analisar personagens que também trabalhavam em estado de conflito, entre o mundo exterior e interior, questionando-se continuamente. Esse fascínio apontado pelo autor pode ter ressoado em Tafuri, refletindo-se no modo como também se mostra em choque em seus ensaios e coletâneas, nos quais suas preocupações se articulam.

Ao adentrar-se exclusivamente em Beatriz Colomina, é inevitável reconhecer sua convergência metodológica com Tafuri. Ela incorporou novos campos de

<sup>12</sup>Livre tradução feita pela autora.

<sup>13</sup>Ambos são discutidos separadamente em um capítulo dedicado a debates que surgem de um olhar afastado e oposto ao movimento moderno.

<sup>14</sup>Sobre o texto ver: QUETGLAS, Josep. Loss of Synthesis: Mie's Pavilion. *Carrer de la Ciutat*, n.11, 1980.

<sup>15</sup>A tradução se refere a um trecho de “Angelus Novus”. Sobre o texto ver: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Editora Brasiliense, p.226, 1994.

conhecimento, explorou uma profusão de ideias comparativas e utilizou estratégias interpretativas, críticas e argumentativas semelhantes. Essa proximidade não apenas se reflete em sua escrita como em sua atividade enquanto discente e integrante do grupo de Quetglas e Solá-Morales, envolvida nas pesquisas sobre o arquiteto italiano.

Em dois artigos de Colomina a referência a Manfredo Tafuri é declarada. No primeiro, publicado em 1987 na revista *Assemblage*, com o título *Le Corbusier and Photography*, Colomina cita Tafuri ao discutir a obra de Walter Benjamin<sup>16</sup>, explorando a reprodutibilidade como um processo de ressignificação da publicidade, do artista e do público. Nessa perspectiva, ela argumenta que Tafuri se apoiou nas *Teorias e História da Arquitetura* para esclarecer as especificidades das vanguardas do século XX. Essa conexão demonstra o profundo conhecimento bibliográfico da autora sobre ambos os autores, permitindo-lhe entrelaçá-los para identificar raízes de pensamento comuns.

No segundo, intitulado *At home with his parents*, publicado em 1996 também na revista *Assemblage*, Colomina critica uma publicação de Greg Lynn ocorrida no colóquio *Origins of Avant-Garde in America*. Na introdução ao artigo, ela reflete sobre sua experiência em Barcelona como editora da revista *Carrer de la Ciutat* no final da década de 1970. De acordo com ela, naquela época, o interesse pela psicanálise individual na Espanha não era visto com destaque, ao contrário do que acontecia em Nova Iorque e na Itália, onde já havia uma procura por ela como ajuda individual. Seu interesse por Tafuri, como ela já havia mencionado previamente, se iniciou por uma compatibilidade temática, metodológica e filosófica investigada em seus textos e palestras. Segundo Colomina, os membros do grupo da revista, incluindo ela própria, literalmente seguiam os passos de Tafuri:

“Ou dirigiríamos a noite inteira, em um impulso de última hora, até Veneza (a cerca de 14 horas a uma velocidade considerável) para ouvir Manfredo Tafuri fazer suas palestras quinzenais no Instituto no dia seguinte e comprar livros na CLUVA, a cooperativa da escola”. (COLOMINA, p.108, 1996)<sup>17</sup>

Além da ferramenta escrita observada nos textos de Beatriz Colomina, outros temas são recorrentes entre os autores, sobretudo ao tratarem de figuras como Benjamin e Corbusier. Esses pontos, entendidos como indícios colaborativos iniciais, podem ser mais bem compreendidos quando, em 1988, Colomina publica o texto *L'esprit nouveau: Architecture and Publicité* na revista *Architecture Production*.

Sob influência do pensamento de Benjamin na qualidade do reprodutível e do simulacro, especialmente nas artes soviética e alemã dos anos 1920, Colomina assume a relação com o crítico como uma estratégia revisada em seu escrito. Inspirada por Corbusier, sob uma perspectiva contemporânea, na captura de fragmentos relacionados à sociedade de massa e à visão cinematográfica, Colomina sugere um revisionismo desses dois autores sob uma nova ótica. Isso implica em, por vezes, descontextualizá-los de seus ambientes habituais e realocá-los em um ambiente novo (HAYS, 2002, p.625).

Embora os riscos desse procedimento, apontados por Hays, não estejam claramente assumidos pela autora, eles permitem que sejam percebidos de uma nova maneira pelo leitor, estimulando uma outra perspectiva sobre temas familiares.

Por um viés ainda não trabalhado da biografia de Corbusier como colecionador e articulador de imagens cotidianas de publicidade, que mais tarde iriam compor as ilustrações de *L'esprit nouveau* e de alguns de seus livros, Colomina (1988, p.626), sugere que algumas de suas ideias emergiram dessa prática de colisão entre imagens coletadas com textos elaborados ou recortados. Assim como Tafuri (1969), Colomina aponta, neste texto, a necessidade de entendimento da obra de Corbusier através de um confronto não solucionado. O impacto causado pelo choque ressoa na qualidade visual do material cuidadosamente selecionado. Além das questões sociais, segundo Colomina (1988), o arquiteto franco-suíço estava muito interessado no papel do arquiteto em uma sociedade industrial de consumo de massa:

“Em contraste com a quantidade de atenção concentrada na arquitetura de Le Corbusier em relação à cultura da era da máquina, muito pouco foi prestado ao de sua arquitetura e aos novos meios de comunicação, arquitetura e cultura da era do consumidor. (...) o conceito de era da máquina serviu ao propósito de sustentar o mito do movimento moderno como uma prática artística autônoma e

<sup>16</sup>Sobre o texto ver: BENJAMIN, Walter. The work of art in the age of mechanical reproduction. *Illustrations*. New York: Schocken Books, 1969.

<sup>17</sup>Livre tradução feita pela autora.

do arquiteto como uma interpretação da nova realidade industrial”. (COLOMINA, 1988, p.628) <sup>18</sup>

Do mesmo modo que Tafuri, Colomina (1988) metodologicamente expressa uma ideia em construção ao longo do escrito, transformando afirmações em questões que podem ou não ser trabalhadas em consequência às suas perguntas. Ao lançá-las, ela deixa abertas respostas que mantêm o texto em um fluxo contínuo, resistindo à estrutura cronológica previsível em favor da imprevisível. Ao almejar o imprevisível, desde o olhar sobre Benjamin e Corbusier, vai em defesa de uma postura sobre Corbusier de forma distinta das vanguardas, buscando uma autonomia artística em relação ao cotidiano. Citando Tafuri, Colomina destaca a avaliação do arquiteto franco-suíço como a “melhor”. Ao citar Corbusier destaca sua postura de produção ativa das novas condições industriais (COLOMINA, 1988, p.631) <sup>19</sup>. A autora revela, assim, sua aproximação às convicções de Tafuri.

Le Corbusier emerge nos textos de Tafuri e Colomina de um modo revisitado, associado aos ciclos de produção e consumo. Para além de uma análise formal de sua arquitetura, Tafuri (1968) retrata a necessidade em vê-lo desde um ponto de vista financeiro, econômico, comportamental do cliente (seja ele o usuário ou o financiador), da sociedade e do valor do terreno como determinantes a um futuro desenvolvimento econômico do lugar (TAFURI, 1968, p.26). Ele argumenta que o urbanismo e a arquitetura devem caminhar juntos, utilizando o choque como técnica dialética para explorar possibilidades de aplicabilidade de aspectos universais de sua obra (TAFURI, 1968, p.28).

A visão de Colomina sobre Corbusier, particularmente apontada em seu artigo de 1987 *Le Corbusier and Photography*, lança uma nova perspectiva sobre sua obra ao examinar sua relação com a fotografia e seu processo de produção. Ela sugere que essa análise vai além das formas tradicionais e explora a fotografia instrumento de entendimento de sua arquitetura (COLOMINA, 1987, p.82). Estes instrumentos foram exemplificados nos relatos de Corbusier a Argel, quando foram vistos cartões

postais, colecionados pelo mesmo, de habitantes nativos cercados pelo ambiente local. A captura de Corbusier, segundo Colomina (1987), em reverência à observação de Samir Rafi, é pouco estudada e pode ser tão relevante quanto suas obras construídas de arquitetura.

Em um escrito posterior ao artigo discutido acima, *Privacy and Publicity*, de 1994, Colomina observa o mural de Le Corbusier concluído em 1938 para a casa de Eileen Gray projetada para Jean Badovici. Também tratada na obra de Von Moss, este feito de Corbusier, para além de uma execução da arte, trabalha desde um fundo pessoal, quando constrói, ao lado da casa projetada, uma “cabana de madeira para si mesmo”. O nome de Gray como autora, reforçado por Colomina, “nem sequer é mencionado” <sup>20</sup>. Desse modo, está em questão não só uma construção crítica sobre a autoria da obra, mas, principalmente, o modo como o autor, Corbusier, retrata este objeto a nível psicológico e fotográfico. Tafuri compartilha desta abordagem de desconstrução da autoria, no modo de aproximação ao objeto, seja ele imagético ou textual. Esta característica foi reforçada por Kurt W. Forster (2000), em um artigo contido na coletânea dedicada a Manfredo Tafuri da revista *Anyone* <sup>21</sup>.

Tahl Kaminer (2009) observa que a atenção dos historiadores na década de 1990 se voltou para os eventos expositivos, o cinema e a fotografia, destacando a preocupação de Colomina em *Privacy and Publicity* com esses aspectos. Isto, em conjunto com um interesse da autora pela mídia pode ser justificado, segundo Kaminer, pela transformação sofrida pela disciplina neste período, com uma visão mais específica estreitamente relacionada à sociedade cujos personagens principais são Le Corbusier e Adolf Loos. Kaminer (2009) destaca uma qualidade recorrente de escrita como metodologia e temática de Colomina ao longo do escrito, a habilidade de investigação de cada um dos assuntos que trata, buscando os fatos visuais que justifiquem uma nova perspectiva sobre o assunto. Ela utiliza a fotografia, o cinema e os meios de comunicação como seus aliados principais, entrelaçando-os na busca

<sup>18</sup>Livre tradução feita pela autora.

<sup>19</sup>Esta citação a Tafuri surge em reação ao seu livro *Teorias e Histórias da Arquitetura*, publicado em espanhol em 1971, pouco antes de Colomina graduar-se na *Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona*.

<sup>20</sup>Sobre a citação ver: COLOMINA, Beatriz. **Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media**. Cambridge: The MIT Press, 1994, p.88.

<sup>21</sup>Sobre o texto ver: FORSTER, Kurt W. No Escape from history. No retrieve from utopia, no nothing: an addio to the anxious historian Manfredo Tafuri. **ANY**, Architecture New York, n.25/26, p.61-65, 2000.

por significados renovados:

“A câmera de Colomina faz o mesmo. Privacidade e publicidade podem ser descritas, portanto, como um roteiro atraente e um excelente “filme”. A casa se torna uma máquina de comunicação, a materialidade do edifício completamente dissolvida. O arquiteto acaba produzindo objetos culturais, o edifício apenas um meio de comunicação”. (KAMINER, 2009, p.136)

Em *Domesticity at War*, publicado quase vinte anos após seu escrito anterior, Colomina mantém as constantes menções a Le Corbusier trabalhando-as sob um novo ângulo. Preocupada com um estudo voltado ao espaço que havia entre as fotografias das arquiteturas americanas, Colomina introduz o livro mencionado com uma fotografia de um encontro entre Le Corbusier e Gropius, encontrada no livro de Alison e Peter Smithson, *The Heroic Period of Modern Architecture*, de 1923. Sob recorte intencional dos rostos destes personagens, as fotografias apontadas são explicitamente editadas em razão da necessidade de acompanhamento da leitura.

Colomina descreve os aspectos cotidianos, como a vestimenta e a linguagem de comunicação corporal, desconstruindo a figura heroica dos dois arquitetos em favor de uma narrativa que contextualiza a situação criada pelo novo ponto de vista visual, reinterpretando a imagem e revelando as questões e os contextos sociais ocultos:

“Ambos os arquitetos estão vestidos formalmente, com ternos, gravatas, casacos longos e até chapéus, enquanto conversam intensamente - na lembrança de Gropius - sobre os planos de Le Corbusier para uma cidade para três milhões e suas ideias para a padronização e pré-fabricação de casas. Atrás deles, sentado em uma mesa adjacente, mas claramente cortado da cena, Alma Gropius aparece como se outro cliente da cafeteria estivesse em anonimato. Com a mão no peito, ela parece preocupada - como Alan Colquhoun me disse uma vez - de alguém que acabou de encontrar uma barata em seu prato, mas os homens estão alheios. O que aparece nesta fotografia documental levemente embaçada é uma exibição pública de figuras heroicas, dois escritores nervosos de manifestos separados de suas vidas domésticas, a um mundo de distância da mesa do café da manhã em Lincoln”. (COLOMINA, 2007, p.18)<sup>22</sup>

As imagens “desconstruídas” de Corbusier, isoladas de seus contextos originais e examinadas por Colomina, podem compor uma apresentação ou uma revista de projeto. O processo de montagem dessas imagens requer uma seleção cuidadosa,

visando não apenas reduzi-las a um recorte, mas sim entende-las como parte de seu processo criativo acumulativo, não reducionista. Colomina enfatiza que esse processo deve assumir um papel flexível, combinando fragmentos que não almejam um resultado fixo (COLOMINA, 1987, p.10).

O entendimento dos meios de comunicação, sobretudo da imprensa, para Colomina, permitiu a difusão de algo previamente inexistente (COLOMINA, 1987, p.11). Ela argumenta que essa forma de comunicação, pouco vinculada à narrativa escrita, deve ser vista de modo independente do escrito. Ao organizá-los de maneira antagônica, Colomina propõe que esse processo poderia servir como veículo de entendimento da cultura de massa do passado e da atualidade (COLOMINA, 1987, p.18).

A ênfase de Colomina sobre as janelas de Corbusier, como um elemento construído em alusão ao espaço da fotografia, introduz uma divisão entre o olhar externo do observador e a experiência corporal do usuário da obra. Ela, a janela, para a Colomina, enfatiza a criação de um espaço infinito longínquo e próximo, associado ao ver e ao estar (COLOMINA, 1987, p.20).

A influência de Manfredo Tafuri como fonte de pesquisa e inspiração para os historiadores norte-americanos foi de extrema importância. Antes que Colomina houvesse se transferido definitivamente de Barcelona para Nova Iorque, Tafuri já estava publicando textos na revista *Oppositions* e ministrando seminários nas instituições americanas. Além de uma relação teórica ou prática, é de se destacar um rebatimento do autor no ambiente acadêmico, particularmente no desenvolvimento das pesquisas elaboradas na década de setenta. Este fato é levantado por Diane Ghirardo no artigo *Manfredo Tafuri and Architecture Theory in the U.S., 1970-2000*, publicado em 2002 pela revista *Perspecta*, onde a autora sublinha os vestígios do autor italiano no ambiente acadêmico americano desde a década de 1970.

Mark Wigley (2000), companheiro de Colomina e docente na Universidade de Columbia, também destaca a importância de Tafuri no cenário americano de pesquisa e teoria. Da mesma forma, Mark Jarzombek (1999), em artigo publicado para o *Journal of the Society of Architectural Historians*, observa um panorama do ambiente teórico norte-americano e de seus desdobramentos, posicionando Colomina como um produto dessa geração cuja preocupação era pautada em uma crítica das

<sup>22</sup>Livre tradução feita pela autora.

questões modernas, contextualistas, colonialistas e pós-colonialistas.

A escolha de Colomina por se estabelecer em Nova Iorque a partir de 1982, onde pôde se envolver com Tafuri e com outros pensadores influentes, não parece então ter sido aleatória. Ela marca um contexto intelectual que moldou sua crítica e teoria na arquitetura e em outras disciplinas, com impactos vistos, inclusive, na cultura visual contemporânea.

## Referências

BARBA, José L. Interview with Beatriz Colomina. Metalocus. Disponível em: <https://www.metalocus.es/en/news/interview-beatriz-colomina>. Acesso em: 2 de maio de 2020.

BENJAMIN, Andrew; RICE, Charles. Walter Benjamin and the architecture of modernity. Melbourne: Re. press, 2009.

COHEN, Jean-Louis. "Experimental" Architecture and Radical History. ANY, Architecture New York, n.25/26, p.42-47, 2000.

COLOMINA, Beatriz. Le Corbusier and Photography. Assemblage, n.4, p.6-23, 1987.

COLOMINA, Beatriz. Sexuality and Space. Princeton: Princeton Architectural Press, 1992.

COLOMINA, Beatriz. Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media. Cambridge Mass: The MIT Press, 1994.

COLOMINA, Beatriz; KOGOD, Lauren. At home with his parents. Assemblage, n.30, p.108-112, 1996.

COLOMINA, Beatriz. L'Espirit Nouveau: Architecture and Publicité. In: HAYS, M. Architecture Theory Since 1968. Cambridge, Mass: MIT Press, 2002, p.624-640.

COLOMINA, Beatriz. Domesticity at War. Cambridge Mass: The MIT Press, 2007

COLOMINA, Beatriz. X-ray architecture. Zürich: Lars Müller, 2019.

FORSTER, Kurt W. No Escape from history. No retrieve from utopia, no nothing: an addio to the anxious historian Manfredo Tafuri. ANY, Architecture New York, n.25/26, p.61-65, 2000.

GHIRARDO Diane. Manfredo Tafuri and Architecture Theory in the U.S 1970-2000. Perspecta, v.33, p.38-47, 2002.

HAYS, Michael. Tafuri's Ghost. ANY, Architecture New York, n.25/26, p.36-42, 2000.

HAYS, Michael. Architectural Theory since 1968. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2002.

HEYENEN, Hilde. Architecture and Modernity: a Critique. Cambridge Mass: The MIT Press, 2000.

JARZOMBEEK, Mark. The Disciplinary Dislocations of (Architectural) History. Journal of the Society of Architectural Historians, v.58, n.3, p.488-493, 1999.

KAMINER, Tahl. Framing Colomina. Delft Architecture Theory Journal, n.4, p.129-138, 2009.

MONTANER, Josep M. Arquitetura e Crítica. Barcelona: Gustavo Gili, 2015.

SOLÀ MORALES, Ignasi de. Beyond the Radical Critique: Manfredo Tafuri and Contemporary Architecture. ANY, Architecture New York, n.25/26, p.56-60, 2000.

TAFURI, Manfredo. Toward a Critique of Architectural Ideology. In: HAYS, Michael. Architectural Theory since 1968. Cambridge Mass: The MIT Press, p.6-35, 2002.

TAFURI, Manfredo. La esfera y el labirinto: vanguardias y arquitectura de Piranesi a los años setenta. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.

TAFURI, Manfredo. L'Architecture dans le Boudoir: The Language of Criticism and the Criticism of Language. In: HAYS, M. Architecture Theory Since 1968, pp. 148-63. Cambridge Mass: MIT Press, 2002.

WIGLEY, Mark. Post-Operative History. ANY, Architecture New York, n.25/26, p.47-53, 2000.